

## DO INTERIOR DE PORTUGAL AO INTERIOR DO BRASIL: NEGOCIAÇÕES ERÓTICAS DO DESEJO<sup>1</sup>

**Walisson Angélico de Araújo**

*Mestrando do Curso de Comunicação e Cultura Contemporâneas pela  
Universidade Federal da Bahia – UFBA, walissonangelico@gmail.com.*

### Resumo

A discussão abordada neste exposto faz parte do recorte de uma cartografia, iniciada em janeiro de 2018, na cidade de Faro, no interior do Algarve, em Portugal, e que segue em desenvolvimento na cidade de Iguatu, interior do Ceará, no Brasil. Este artigo tem como interesse discutir como são negociados os prazeres e as práticas dissidentes entre homens em cidades do interior e que possuem menos de 120 mil habitantes, utilizando, como ferramenta, o aplicativo norte-americano para encontros: o Grindr. Entre conversas e encontros, é produzida uma narrativa atravessada pela memória e que se envolve em uma análise de práticas com homens que não se identificam como ‘gays’ e que ‘preservam-se’ ao máximo. Sem foto de perfil, discretos, na busca de algo rápido, às escondidas por não serem “iguais aos outros”, estes negociam visibilidades em torno de segredos e da privacidade; em anonimato, as instâncias reguladoras e normalizadoras parecem produzir censuras mais refinadas, ditando os corpos aptos para o encontro ou não: uma hierarquia erótica do desejo. O aplicativo pode ser zona de tensão na busca de viver os prazeres sem perceber os preconceitos que entram em jogo. Nesta economia do desejo, os encontros mediados pelo

1 Trabalho desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

aplicativo apresentaram possíveis cooptações sutis às normas hegemônicas que se mantêm cristalizadas, permitindo a experimentação erótica e dissidente, mas que parecem não afetar a estrutura normativa e de poder que impera no cotidiano de Iguatu e Faro, favorecendo, de modo anônimo, os legados normativos, religiosos, matrimoniais e socioculturais que atuam contra as dissidências.

**Palavras-chave:** Gênero e sexualidade, Corpo, Comunicação, Experiências dissidentes.

## Iniciando a expedição

Jesús Martin-Barbero (1997) nos vem introduzir reflexões precisas nos propondo pensar nas mediações, deslocando o eixo de uma compreensão dos meios, da produção, dos gêneros e das mensagens, buscando compor uma teia das mediações culturais, como parte de perceber as relações entre cultura, sociedade e mídia, visto que todos estamos inseridos em um entorno tecnocomunicativo.

Partindo do campo da comunicação e da cultura, é preciso deslocar-se diante convergências e divergências do processo da globalização e do avanço das relações de poder sobre outras ambiências, como as digitais. Com entrada pelos Estudos Culturais, refletimos a cultura como um modo integral de vida (WILLIAMS, 1979), tecida em torno da linguagem, dos sentidos e dos afetos, “lembrando que afetos só ganham espessura de real quando se efetuam” (ROLNIK, 2016, p. 31). Afetos como um movimento político engajado, alguns considerados como reais e outros mera ficção, por este motivo as disputas são necessárias.

Partindo com Rolnik (2016) o rosto real não existe, mas uma criação de máscaras, por trás, não existe “[...] verdadeiro, autêntico, originário” (p. 36), visto que “a máscara e (o artifício) é a realidade nela mesma”. Então, pensando com Rolnik (2016), já que não existe algo autêntico, a única pergunta cabível “é se os afetos estão ou não podendo passar; e como”.

Este é um ensaio que se apropria de lentes da cartografia do desejo, como pensado por Suelly Rolnik (2016), (des)costurando sentidos complexos a partir da vivência, tecendo uma cartografia dos meus próprios afetos que pedem passagem para vazar a moral da razão, corrompendo-a a partir do desejo, este, articulado e moldado na interação social (Miskolci, 2017). Pensando em gênero, sexualidade e práticas dissidentes, é preciso não esquecermos que as categorias são produções que nos nomeiam a partir de lógicas de limitação ou subjugação, binarismos opostos e excludentes que nos hierarquiza na sociedade. Pensando com Nogueira (2012), as formas de agir no cotidiano e os atos sexuais são costurados envoltos por um *script* sexual para homem e mulher, “normalizando as práticas sexuais” (p. 25).

No livro *Desejos Digitais*, Richard Miskolci (2017) nos vem apresentar caros conhecimento a respeito das ambiências entrecruzadas

imerso em tramas *on-line* e *off-line*: meios digitais, “sintetizando ambas as transformações – tecnológica e social” (p. 28). A privatização da internet na década de 1990 é importante para entender a disseminação comercial. Nos anos 2000 a emergência dos celulares inteligentes começa a apresentar um cenário que “criou a experiência de nos tornarmos seres conectados” (*ibid.*, p. 28).

Um outro marco importante que pontua Miskolci (2017) é sobre o lançamento do segundo iPhone em 2009, pois o sistema operacional iOS, que integrava o Global Positioning System (GPS) e permitia o desenvolvimento de aplicativos para celulares, possibilitando a criação do aplicativo de paquera Grindr pelo Israelita radicado em Los Angeles, Joel Simkhai (*ibid.*). A invenção do aplicativo se popularizou, o que permitiu a vivência desejante homossexuais por mídias digitais, visto que para Simkhai, a pergunta que o motivou foi “como encontro outros gays?”, mas mantendo um relativo sigilo e discrição com medo da retaliação social (*ibid.*). Segundo Miskolci (2017), “isso leva a constatar que, a despeito da despatologização e descriminalização [na segunda metade do século XX] da homossexualidade em boa parte do mundo, o desejo homossexual continuou a ser perseguido no espaço público nos últimos sessenta anos [...]” (p. 31) por instâncias institucionais, culturais e midiáticas.

No site institucional, o aplicativo de encontros é categorizado como o aplicativo de rede social para gays, bi, trans e *queer*. Ainda no site, o aplicativo se diz representar um estilo de vida LGBTQ que está se expandindo para novas plataformas<sup>2</sup> e não obstante das lógicas mercadológicas e de consumo, o site possui uma aba sobre como anunciar na aplicação disponível para os sistemas operacionais Android e iOS. A empresa chinesa *Beijin Kunlun Tech*, antiga responsável pelo aplicativo Grindr vendeu por US\$ 608,5 milhões para a San Vicente Acquisition<sup>3</sup>, em 2020.

Almejando contribuir com os estudos das sociabilidades em cidades com fluxos distintos das capitais e percebendo a carência de

2 Informações disponibilizadas neste link: <<https://www.grindr.com/about/>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

3 Para mais informações sobre as negociações e multa sobre partilha de informações dos usuários, acesse o link da matéria do G1: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/01/26/aplicativo-grindr-e-multado-em-us-117-milhoes-por-compartilhar-dados-de-seus-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

espaços de consumo LGBTQI+ nestes espaços, busquei tecer reflexões de como ocorrem as práticas eróticas e do desejo entre homens nas cidades de Faro, em Portugal, e Iguatu, no Brasil. Negociando visibilidades no aplicativo, busquei me inserir em conversas e encontros mediados pelo Grindr, percebendo encontros, conversas e práticas afetivo-sexuais com outras lentes. Segundo Nogueira (2012) são experiências que podem subverter e reiterar as normas em um complexo jogo refinado de controle dos corpos e das suas identidades.

Sobre os espaços de socialização e consumo no que diz respeito à cena alternativa e da diversidade, as duas cidades apresentam dinâmicas distintas. A cidade de Iguatu teve alguns espaços experimentais, parte de um movimento de *pubs* e bares com cena cosmopolita, permitindo possibilidades para encontros das diversidades, mas estes locais fecharam. Já em Faro, relembro a *Prestige Dance Club*, descrita no perfil do Instagram como um espaço 'GLS'<sup>4</sup>, e outros dois ambientes que no ano de 2018 representavam a cena alternativa em Faro: a Associação Recreativa e Cultural de Músicos (ARCM) e a Fábrica dos Sentidos. Em Portugal, os locais parecem resistir, e ter um consumo principalmente pelos turistas que chegam principalmente no verão, mas a boate 'GLS', esta sempre teve um público menor comparada aos outros ambientes, mas este é assunto para outro trabalho.

Pensando com Didier Eribon (2008) estes espaços de consumo como *pubs*, clubes e bares são importantes para possibilitar encontros, principalmente para as vidas estigmatizadas, mas "a cidade pequena é o lugar onde é difícil escapar do único espelho disponível" (p. 37), sendo apresentado um modelo efetivo cultural e social da heterossexualidade. Aliar-se ao autor citado anteriormente, parece auxiliar ver, a partir das vivências, como os lugares de consumo alternativos atribuem a quem frequente uma forma de desvio, um receio, pois ir a um local considerado LGBTQI+ ou da diversidade imprimi uma carga moral por parte das normas das relações de poder e da vizinhança, reprimindo as possibilidades de experimentar as possibilidades de si para além dos estereótipos.

Assim como o vírus da Covid-19 que nos fez repensar as formas de socializar, enfatizando o modo remoto de viver pelo distanciamento

---

4 Sigla que representava gays, lésbicas e 'simpatizantes', mas sigla em desuso para as comunidades LGBTQIA+ visto que a primeira sigla excluía orientações e identidades

social por questões sanitárias, a sociedade e a vizinhanças nestas duas cidades pequenas parecem também ser como parte de um vírus, que martirizam as identidades que não figuram a unicidade do espelho do patriarcado heterossexual. Estes espaços observados em ambas as localidades são desmotivados a resistir, seja pela baixa audiência da casa que conseqüentemente pode acarretar problemas econômicos ou por preconceito de uma sociedade que se vê no direito de julgar o que consideram como diferente.

Percebendo esta carência de espaços para a diversidade em Iguatu e Faro, busquei pistas, em meio as convergências digitais, de como ocorriam as conversas e encontros casuais com homens que seguem uma lógica do anonimato e discrição. Buscaremos ampliar esta pesquisa em outros trabalhos, mas por enquanto, acredito que pontuar questões, narrar e tecer pontos comparativos e divergentes sobre vivências eróticas e afetivas em cidades pequenas – consideradas como do ‘interior’ – com fluxos distintos das consideradas capitais será apenas uma entrada para outras escritas sobre o assunto a deixar ver a complexidade dos erotismos, dos encontros casuais e dos fluxos do desejo através das mídias digitais, enfatizando o uso do Grindr como já falado anteriormente.

Este trabalho não busca definir efeitos ou impor normas sobre estas vivências no aplicativo, pelo contrário, almeja analisar brevemente a partir das inserções do meu corpo, naufragado em meio ao mar das ambiências que se entrecruzam entre o físico e o digital, sobrepostos, entrelaçados. Assim como vivencio a vida, culturas e práticas vão sendo significadas e disputando espaços, sobrepondo-se à identidade, às percepções e às maneiras de pensar, inseridos em uma estrutura macrosocial de controle e de poder que busca perceber as identidades por categorias.

O heterossexual é posto como limitado nas formas de sentir prazer ao mesmo tempo que permitido pelas instâncias de poder a subjugar o gozo e satisfação do feminino; o homossexual inferiorizado e marginalizado; já o corpo brasileiro hipersexualizado, funcionando como categorias que nos cristalizam impedindo perceber movimentos mais complexos para além do gênero, da sexualidade e da identidade. Longe de refutar e banalizar lutas identitárias, lembro da importância das batalhas minoritárias deram a cara a tapa para conquistas como a despatologização do corpo homossexual, assim como uma constante disputa para legalizar práticas e conquistar ‘melhorias’ para os corpos

construídos e limitados às arestas do controle social sob “efeitos discursivos” (NOGUEIRA, 2012, p. 46) e da citacionalidade (BUTLER, 2003).

O que as experiências entre conversas e os possíveis encontros mediados pelo aplicativo Grindr ao se efetivarem têm a dizer sobre a complexidade das relações? É possível enxergar além da identidade nomeada e enquadrada como normal ou anormal? O intuito é permitir mergulhos necessários para reavaliarmos os pontos fracos do que ainda é considerado como essência na estrutura de poder, avaliando assim pontos políticos das relações vividas em anonimato.

## Notas metodológicas

Marcado pelas vivências, enquanto cartografo, insisto e persisto em não calar o meu próprio corpo que se insere nesta pesquisa, em querer “dar língua para os afetos que pedem passagem” como proposto por Suely Rolnik (2016), para desmanchar certos mundos ao mesmo tempo que se cria outros nesta busca incessante em perceber as intensidades do meu corpo vibrátil que “não “revela” sentidos, mas os “cria”” (ROLNIK, 2016, p. 71).

Com foco nas mediações vividas pelo aplicativo Grindr, analiso meus percursos entre duas cidades com menos de 150 mil habitantes: a cidade que nasci, Iguatu, no centro-sul do Ceará, no Brasil; e Faro, no Algarve, em Portugal. Percepções iniciais costuradas com um olhar cientificamente híbrido, que pensa os modos de vida, as culturas e os trânsitos corporais como forma política de disputar narrativas que possibilitam visibilizar as experiências dando abertura para uma contínua composição de afetos, estes, bem mais complexos do que imaginamos.

A metodologia deste trabalho se deu no mesmo momento em que o meu corpo se inseria em descobertas do meu próprio desejo, nunca limitado, nunca finalizado. **“O que define, portanto, o perfil do cartografo é exclusivamente um tipo de sensibilidade”** (ROLNIK, 2016, p. 66). Me inseri nas ambiências digitais de ambas as cidades pelo Grindr e por meio das interações e das trocas me aproximando das “observações livres” de Nestor Perlongher (1987). Como recorte temporal, destaco as experiências entre 2018 e 2019 em Portugal, enquanto entrelaço derivas do meu corpo em Iguatu – cidade em que

o investigador viveu infância, adolescência e agora, com a pandemia, retorna para o lar da família.

Ao longo de um ano me inseri em conversas, busquei perceber como os usuários se apresentavam, se tinham fotografias, ou se não, como era a lógica dessa negociação da visibilidade, assim como busquei compreender o receio de ser denominado como homossexual, o que se destacou como um receio semelhante a ser inferiorizado e subjugado – a distinção, o outro, aquele que não é normal. Então, para esta pesquisa foram utilizados alguns apetrechos como notas de campo armazenadas no celular, capturas de tela do smartphone que auxiliaram ver questões aqui abordadas sobre conversas no aplicativo – estas mantidas em anonimato e transformadas em reflexões a partir do que vivi –, as experiências armazenadas na memória, como um movimento político em remontar os tempos distintos, rememorando vivências em ambas as cidades do recorte deste trabalho. São notas iniciais pelo momento, mas que pretendo expandir.

Os dados aqui são arquivos de mim e de outros que atravessaram a minha vida entre Iguatu e Faro, então me insiro enquanto homem, branco, homossexual, de muitos privilégios, mas ao mesmo tempo sou quem não é visto como parte da masculinidade almejada para a exaltação do pódio heteronormativo. Então, cartografei afetos que se apresentam em tensão, ao mesmo tempo que divergentes, também cooptados pela moralidade, pertencentes à hegemonia.

## Derivas do desejo entre Portugal e Brasil

Segundo Nogueira (2012) a partir da década de 1980 acentua-se a divisão binária das identidades sexuais, provocando “uma nova concepção de sexualidade” (p. 37), parte das ações da ciência que intensificaram as demarcações categóricas. “O europeu assume uma centralidade no discurso científico que passa a ser o sujeito ideal” (NOGUEIRA, 2012, p. 39). Posto isso, é importante lembrar segundo Miskolci (2017) que o desejo é forjado socialmente e está distante de ser uma expressão de força natural.

As experiências vivenciadas na cidade de Faro pelo meu corpo, principalmente no inverno, me permitiram uma primeira análise no aplicativo: pessoas com fotografia *fakes*, perfis sem rostos e uma pequena quantidade de pessoas que estavam próximas, em análise, o *app*, não parecia divergir dos fluxos de Iguatu, no Brasil, mas tinha

uma questão em destaque, pois na Europa eu era brasileiro, o que para Nogueira (2012), no exterior, sempre foi visto como parte de uma cultura sexual exótica.

A minha existência como brasileiro era realocada para uma apreensão do sensual, do exótico e quente, propício ao sexo, como se minha identidade e meu sangue representassem para eles uma “função do estereótipo como fetiche e fobia” (BHABHA, 1998, p. 114) como uma fórmula da representação presa e fixa, visto que impedia “a articulação e circulação do significante” (*ibid.*, p. 117) para os portugueses que conversavam comigo pelo aplicativo.

Precisei viver as experiências que se apresentaram de distintas formas pelo Grindr para compreender esta cristalização, inclusive, utilizando-as como tática e ferramenta para ocupar o espaço dos que nos colonizaram e possibilitar subverter a própria subjugação do meu corpo através de um empoderar-se, fazendo das práticas eróticas e desejantes e de ser desejado como um ato político. Continuei a cartografar observando possíveis linhas de fuga e de deboche contra a categoria heterossexual e os modos essencialistas de sentir prazer, percebendo a complexidade dos encontros permitidos pelo aplicativo.

Em uma manhã de inverno na pequena cidade da região do Algarve português, eu conversara com um homem que estava marcando um encontro comigo e exclamava a necessidade de discrição por não ser gay. Ele não apresentara foto de rosto, a sua identidade era apenas uma nude<sup>5</sup> enviada pelo aplicativo. Por outro lado, minha foto da face no aplicativo deixava claro que eu não estava com receios da exposição, sendo assim, a negociação e a confiança eram fundamentais para conhecer a realidade de uma identidade fragmentada para além do aplicativo de ‘pegação’. Segundo Zago (2013), mostrar a face nas imagens, na fotografia do perfil, significaria revelar o segredo de ser gay, “ganhar-se-ia um rosto público, uma identidade: um rosto do homossexual” (p. 424).

Negociações efetivadas, fui. Ao entrar na casa deste homem, observei algumas poucas fotografias expostas, mas que falavam muito: fotos da sua família; logo após um breve espaço de tempo

---

5 Foto de uma pessoa despida, sem roupa ou de alguma parte íntima do corpo registrada em imagem.

percebi que aquele homem era casado e que o motivo do anonimato deixava ver o receio da sua identidade ser descoberta, ameaçando a sua farsa monogâmica e de homem casado. Assim como esse breve relato anterior, não foi a única vez que presenciei estas fugas temporárias da norma, pois alguns outros casos, mesmo que não fossem casados ou com namoradas, me apresentavam o medo de não poder se assumir como gay, bissexual ou homossexual, outros se identificavam como bissexuais, mas era menos comum, pois com toda a moral imposta pela vizinhança, em anonimato, estes, apresentavam os usos no aplicativo como uma lógica de fuga momentânea da carcaça cristalizada masculina, auxiliando a vivência de atos dissidentes.

Mesmo que inseridos em uma categórica masculinidade intocável, contudo, o sistema convencional das relações sexuais parecia apresentar rachaduras. Um leque de possibilidades me foi apresentado, alguns utilizadores do aplicativo queriam realizar fetiches, outros buscavam dominar, mas sempre fui agressivo, mesmo na passividade. Ainda pensando em uma não uniformidade, uma parte destes anônimos buscavam ser dominados. O órgão intocável da normatização do homem heterossexual, o ânus, parecia articular outra utilidade para além das regras moralistas: sentir prazer. Neste período de residência em Portugal, imerso na aplicação, me despertara interesse em perceber esta complexa trama em disputa com o binário destes homens não assumidos, como uma breve e parcial suspensão da identidade normativa do cotidiano, em que vazar a regra mimetizava, mesmo que por momentos, uma forma de expandir o leque do modo de sentir o próprio prazer.

Falando de uma hierarquia erótica do desejo, percebemos que os fluxos de conversas e encontros podem variar, mas que é um aplicativo que permite viver o sexo de outras maneiras, negociando imagens e identidades modeladas e fragmentadas, verdadeiras ou falsas. Assim, são negociações em meio a um regime de visibilidade como aponta Miskolci (2014), parte da “manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição ou invisibilidade” (p. 62); uma tecnologia sofisticada de atuação das relações de poder. A pergunta que fica sobre esta hierarquia referida no início deste parágrafo é sobre quem tem direito a negociações eróticas efetivas pelo aplicativo?

De acordo com Nogueira (2012), os efeminados formam o grupo de maior rejeição “dentro desse universo de homens que investem em experiências afetivossexuais com outros homens” (p. 156). Não

obstante, não ignoro a complexidade da combustão da fuga, mesmo que momentânea almejando apenas a excitação e o gozo, pois neste momento que se apresentam perceptíveis falhas sobre a natureza e a essência destas meras ficções citacionais naturalizadas como uma estrutura social, legal, médica e religiosa do cotidiano destas cidades.

Conversar com homens portugueses da cidade de Faro era esperar que existisse o receio de se apresentarem e de revelarem a identidade. Era sempre negociado o sigilo, pois ser descoberto era considerado como arruinar a sua máscara fixa e também provisória por viver práticas sexuais dissidentes das consideradas como normais. Caso se sentissem seguros, uma possível suspensão de uma estrutura apropriada às verdades do que pode o corpo fazer nas relações afetivossexuais ocorria, pois pelo o aplicativo era possível ver a fragmentação da própria realidade em outras formas de se relacionar. Em contrapartida, simultaneamente, o Grindr parece funcionar como parte de uma instância refinada de organização das normas sociais, permitindo a preservação das identidades e a marginalização de vidas a partir dos preconceitos<sup>6</sup>.

De tal modo, a forma como as pessoas parecem negociar a visibilidade entra em sintonia com o que Miskolci (2014) traz pela agência e pelo desejo. Até porque, “o desejo não vem de dentro de um sujeito dado, tampouco é imposto por algum aparato externo a ele. O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade sendo moldado na interação social” (MISKOLCI, 2017, p. 19).

Em Faro, minha fotografia apresentada me atribuía uma estética efeminada, então questionavam-me sobre ter ou não trejeitos femininos, o que não deixa de ser uma problemática misógina, mas que diferente de Iguatu, a imagem não era suficiente para que me bloqueassem. A confiança de que eu preservaria o anonimato seria a palavra de confiança para a sucessão da conversa e do encontro. Conversando

---

6 Sobre preconceitos e marginalizações, observo a partir da minha visão e da própria vivência como usuário do aplicativo, sendo preciso dar continuidade a esta pesquisa para tecer estas problemáticas necessárias, pois neste trabalho não darei de conta. Para além, se você, ao ler este trabalho se questionar sobre, te incentivo a auxiliar a tecermos juntos(as) esta teia refinada e necessária sobre os usos do Grindr como uma forma possível de observarmos possibilidades de tensão às normas e ver de outras formas o que ainda não esta posto como as múltiplas formas de exclusão dentro da aplicação.

com alguns amigos de Portugal, de acordo com as observações livres por parte do pesquisador, eles costumavam me dizer que não há uma preocupação com corpos esculpido e masculinos, contanto que se tenha sigilo, pois a vizinhança é parte também desse controle dos corpos.

Em Iguatu, observo que é mais agressiva a forma que as sociabilidades no aplicativo são vividas para efetivar as negociações eróticas do desejo entre homens. Na cidade brasileira, a minha experiência ao enviar foto do rosto é uma das formas que me desestabilizam emocionalmente, pois muitas vezes logo sou bloqueado e fico sem saber o motivo. Conversando com alguns amigos da cidade, estes destacaram a recorrência da aversão ao feminino em Iguatu, é o medo de ser identificado fora do aplicativo, então, quando parece existir o receio, há o bloqueio para evitar a descoberta da identidade em processo de fuga. Por outro lado, mesmo que seja difícil viver as experiências mediadas pelo aplicativo, me parece ser uma entrada interessante para enxergar a complexidade das identidades que podem vazar a norma, mesmo que momentaneamente.

Convergindo nuances semelhantes entre as cidades de Iguatu e Faro, pelo que as vivências me deixam ver, as identidades pelo *Grindr* são manipuladas, quando não é pela recusa do envio da foto do rosto, apresentam imagens falsas e/ou de terceiros. Isso me faz lembrar de alguns encontros casuais que tive no Brasil e em Portugal: no *app* uma fantasia imagética, no ato, outra pessoa, completamente diferente.

No verão, a cidade de Faro se transformou. Entrada e saída de pessoas de vários países da Europa, estas também vindo de outras localidades do mundo, como pessoas do Estados Unidos, do Brasil que vão a turismo para viver o verão algarvio. Consegui perceber outras sociabilidades possíveis, não somente no espaço físico da cidade lotada de turistas, mas também nas ambiências digitais pelo *Grindr*: menos anonimato, pessoas sem tantos receios de enviar as suas fotografias, era como se os utilizadores da aplicação de vários países atribuíssem novos sentidos às formas de mediar as conversas e encontros através da aplicação. Pelo contato, o meu corpo cartografava outras formas de desejar além do que me era comum nos fluxos da cidade. Enquanto eu cartografava, eu ia aprendendo neste entrelace de intercâmbios culturais e eróticos mediados pelo aplicativo como eu poderia driblar as normas eróticas do meu próprio desejo.

Quando o fluxo do turismo começava a diminuir com a chegada do tempo frio, as sociabilidades no aplicativo logo apresentavam os mesmos fluxos anteriores ao verão, o que foi uma chave interessante para perceber o que havia em comum entre Faro e Iguatu: ambas apresentavam o medo explícito dos homens em anonimato de serem descobertos como praticantes de sexo com outros homens, visto que ambas as localidades ameaçam a identidade preservada na rotina dos praticantes de atos eróticos dissidentes, principalmente daqueles que possuem família e amigos nas cidades.

Em Iguatu, percebo é a predominância de uma estrutura hierárquica que produz masculinidades e corpos que parecem ser evocados e aptos para o sexo, enquanto outros, marginalizados e bloqueados. Entretanto, destaco que o Grindr auxilia a desconstrução e a reiteração de normas morais, sendo assim, é preciso continuar cartografando a partir dos afetos, entre conversas e práticas, seja com amigos ou não, uma forma de desenvolver um estudo que inclusive perceba outras vozes para além da minha identidade, almejando tecer não somente estas brechas, como também os vieses de exclusão e marginalização dos corpos pelo aplicativo.

Pontuo como importante, que o meu corpo que cartografa e se insere, não dará de conta de falar em nome de todas as vozes que urgem para apresentar as suas versões, mas aqui, o que construo de forma ensaística ainda a ser fermentado em breve é uma possibilidade de perceber os usos no aplicativo através das minhas identidades e do meu corpo como ferramentas também possíveis. É uma investigação complexa, mas se faz necessária para não limitarmos as experiências sexuais e eróticas em meras binariedades heterossexuais e homossexuais, percebendo assim falhas e borrões às normas e à moral que politizam o corpo, o erotismo e o sexo, limitando as experiências, assim como impondo regras às identidades de gênero e às sexualidades.

## Discussão e considerações parciais

Pensando com Miskolci (2017), a partir dos “desejos digitais” (p. 43) e que se expandem entre o *online* e o presencial, reflito que o aplicativo me permite perceber uma prevalência de homens que vivem o aplicativo de forma discreta, em anonimato, querendo viver o sexo dissidente com outros homens, imperando como desejantes que

afetam negativamente as minorias dentro do aplicativo, o que nomeio como uma hierarquia erótica do desejo.

Adentrar o *Grindr* em cidades do interior parece ser mais agressivo no que diz respeito ao exigir o sigilo. Por mais que nem todos estejam pensando na prioridade do anonimato, há uma parcela dominante dos usuários nas duas cidades que pontuam a necessidade de discrição. É preciso partir para uma segunda parte da pesquisa, necessitando entrevistar pessoas e me aliar as suas falas para tecer comigo uma narrativa mais robusta sobre estas formas de existir no aplicativo, percebendo as problemáticas, as subversões e as identidades complexas que não simplesmente se enquadram nos limites do ser heterossexual e nem aceitam ser categorizados como homossexuais.

Os aplicativos e *smartphones* permitiram uma sofisticada forma de se relacionar, pelo *Grindr*, em Iguatu e Faro, o destaque é que nada parece desmoronar a estrutura que privilegia estes homens que vivem sigilosamente. Conversei e estive com homens que vivem em fuga de suas máscaras da heterossexualidade em meio às tramas mediadas no aplicativo e nos encontros casuais, mesmo que para isso seja preciso mentir para a esposa, a namorada, a família, os amigos e também para com quem conversa no próprio aplicativo utilizando de fotografias falsas. Dessa maneira, um mundo bifurcado pode ser identificado, sendo que em um é negociado o não arruinamento da norma heterossexual na negociação pelo aplicativo; no outro, o medo de que as máscaras de uma performance heterossexual sejam desmanchadas.

Percebo que existe uma infinidade de problemáticas de exclusão e de preconceitos, assim como marginalização de corpos, marcadores socioeconômicos, de raça e uma infinidades de opressões existentes no aplicativo, mas aqui, é o que consegui cartografar diante da minha vivência até então, como forma de tornar político a minha fala, dando abertura e não finalizando e nem cristalizando, mas pontuando percepções diante de conversas e encontros, evocando percepções de uma cartografia que dá abertura para continuidade desta trajetória.

Em Portugal e no Brasil vivi encontros com homens que me apresentaram apenas que eles queriam viver o prazer, apenas um corpo para suprir o gozo, após, nada mais do que carne substituível dentro de um aplicativo que produz esta hierarquia que subjuga a existência de minorias que resistem. Em Portugal, o fetiche pelo meu corpo brasileiro me traduzia como o erótico e o exótico, o não branco, o

latino, talvez resultado das imagens identitárias cristalizadas sobre um corpo de origem do país vendido como nação do carnaval, do sexo e do futebol, estereótipos estes que não contemplam as múltiplas e incalculáveis possibilidades de ser e existir enquanto brasileiro, mas digo: não somos maquinarias do sexo e nem de identidades enlatadas prontas para o consumo.

De outro modo, percebemos que a discrição evocada no aplicativo, em Iguatu e em Faro, parece ser uma estrutura híbrida e maleável com o encontro presencial. É como se a identidade forjada na masculinidade, ao viver a complexidade do encontro – este nunca semelhante, mas sim complexo –, me permitisse ver, não com todos, as complexas experiências sexuais que mostram o desejo do sigiloso pedindo vazão por não suportar a norma.

O *Grindr*, de forma comercial e sofisticada, converte o tempo de consumo em dinheiro e parece permitir fugas temporárias seguidas de cooptações pelo poder, ao mesmo tempo que reproduz uma hierarquia erótica do desejo – parte de uma marginalização que exclui as minorias do aplicativo – produzindo uma forma de ditar o consumo do próprio sexo. Logo, bloquear ou ser bloqueado deixa ver não apenas o gosto, mas a fuga, o repúdio, a falta de zelo pela outra vida presente. As identidades jamais se apresentam em sua totalidade, apenas em partes, julgando e participando do emaranhado das negociações da própria visibilidade em meio ao aplicativo de pegação.

Não quero defender a homossexualidade defendida pela norma e nem a binariedade, pois não esqueço que fora do aplicativo, muitos mantêm a identidade como se nada tivesse acontecido, não sendo um benefício para todos e todas, visto que alguns e algumas continuam dando a cara a tapa no cotidiano se assumindo e aceitando as repressões da sociedade. Por outro lado, não desqualifica que outras existências não sejam complexas e também vivam envolvidas no controle social, como a homossexualidade que é limitada de suas práticas e desejos, não permitindo a vivência de sentir prazer por outras zonas erógenas do corpo, como pelos ânus por exemplo, visto como sinônimo de passividade e inferioridade. Por este motivo, percebemos que é preciso analisar o quão enigmático podem ser as práticas dissidentes permitidas pelo aplicativo *Grindr* que se desenvolvem em uma trama labiríntica.

Brasil e Portugal, mesmo com diferenças e divergências, me fizeram perceber fragmentos que convergem. Na linha que aqui vem

sendo alinhavada, representa que estamos vivenciando uma possibilidade de contatos permitidos e mediados pelos aplicativos para compreender a complexificação do sentir e das permissões corpóreas em meio às práticas dissidentes e sexuais, subvertendo e reiterando a norma. Sendo assim, quem pode subverter a moral no aplicativo e não reiterar a norma? Quão potente pode ser as práticas e as experiências dissidentes para além das categorias de gênero e da sexualidade? Não digo que seja fácil e que não seja problemático, mas é importante darmos abertura para percebermos as falhas de uma natureza inexistente e não essencial.

## Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard. *Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais*. **Bagoas**, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Caças e Pegações Online**: Subversões e reiteirações de gêneros e sexualidades. Dissertação (Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, p. 178. 2012.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1971] 1979. Tradução de: Waltensir Dutra.

ZAGO, Luiz Felipe. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biosociabilidade gay online. **Interface (Botucatu)**, v.17, n.45, p.419-31, abr./jun. 2013.